



Gênero híbrido em metamorfose: Análise das características jornalístico-literárias nas edições da plataforma digital UOL TAB (2014-2018)

Cíntia Silva da Conceição¹
Myrian Del Vecchio-Lima²

Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Resumo: Em um cenário em que o jornalismo *longform* já faz parte das narrativas na web, o trabalho buscou compreender *se e como* as características do jornalismo literário (JL), definidas pelos autores Kramer (1995), Wolfe (2005), Lima (2009) e Pena (2017), são integradas ao conteúdo multimídia do webjornalismo. Para isso, foram utilizadas as abordagens quantitativa e qualitativa e aplicou-se a Análise de Conteúdo em uma amostra final de quatro reportagens da plataforma UOL TAB. Verificou-se que o JL na escrita digital se apropria dos elementos multimídia com a intencionalidade de potencializar a experiência do leitor, mas o texto escrito continua como elemento central da narrativa.

Palavras-chave: Jornalismo literário; Cultura digital; Webjornalismo; *Longform*; TAB UOL.

1. Introdução

As organizações jornalísticas precisaram se adaptar, desde meados dos anos 1990, para ocupar espaço no ambiente digital que se abriu aos mais diversos campos de atividade com a popularização do acesso à internet. Antigas práticas foram reavaliadas, jornalistas

¹ Jornalista. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Membro do Grupo Click (Comunicação e Cultura Ciber). E-mail: cintiasilva.jornalismo@gmail.com

² Jornalista. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Líder do Grupo Click (Comunicação e Cultura Ciber). E-mail: myriandel@gmail.com

ampliaram suas funções e jornais alternativos trouxeram mais pluralidade à rede. A expansão da cultura digital se tornou causa de preocupações para a área, conduzindo a novas práticas editoriais nas rotinas produtivas e à busca por novos modelos de negócio, em fase entendida como de “crise do jornalismo”. Entretanto, o mesmo ambiente permite inúmeras possibilidades e ferramentas criativas, o que pode gerar motivação pelas mudanças e novas formas de produção e de consumo dos conteúdos jornalísticos. E é no interior desse cenário de transformações que emerge o *tema* deste artigo: as adaptações do jornalismo literário no espaço de escrita digital, aliado aos recursos multimídia e à disseminação do texto *longform*.

O debate sobre o jornalismo literário na academia é cercado por questionamentos, inclusive sobre seu *status* — ele deve ser enquadrado como um subgênero da literatura, pensamento que se construiu principalmente após a publicação de grandes reportagens em formato de livro; ou como subgênero do jornalismo, já que ele é produzido, em geral, por jornalistas? Adotamos a visão de um jornalismo literário com lugar autônomo, que bebe das duas fontes que o alimentam e se transforma em algo híbrido, mas único. Tal visão se apoia no trabalho de Borges (2013), que o situa como um híbrido entre jornalismo e literatura:

Quando encarado como uma via independente, o Jornalismo Literário estabelece fissuras ao admitir, em sua engrenagem de elaboração, o fator subjetivo como elemento constitutivo de seus estatutos e métodos, sem perder, com isso, a credibilidade. Trata-se de um terceiro discurso que presta seus devidos tributos ao jornalismo tradicional – comprometido em enunciar, dentro do possível, a realidade dos fatos – e vinculando-se, por outro lado, também à criação literária – estabelecendo-se sob influências –, mas promovendo rupturas com ambos, com semelhanças e diferenças simultâneas. (BORGES, 2013, p. 304-305)

Textos jornalísticos literários apresentam múltiplas características, como veremos adiante, mas já salientamos uma delas, relacionada de forma intrínseca ao jornalismo *longform*: o aprofundamento da narrativa. Sabe-se que profissionais que decidem se aventurar na modalidade precisam manter uma relação próxima de seus personagens, e demandam tempo para observar o cenário a ser retratado. Assim, textos que se enquadram no gênero acabam por ser longos, aprofundados, com variedade de pontos de vista e argumentos. Portanto, para florescer na internet, o jornalismo literário precisa de espaço, que encontrou com a disseminação do *longform* na web.

Mas é claro que ao estar em um outro meio – afinal ler em tela é uma experiência que difere de ler no papel –, o jornalismo literário encontrou aliados potentes para sua construção: os elementos multimídia. A linguagem multimídia é vista nesta pesquisa com base no trabalho de Salaverría (2014), que elenca oito elementos: 1) texto; 2) fotografia; 3) gráficos, iconografia e ilustrações estáticas; 4) vídeo; 5) animação digital; 6) discurso oral; 7) música e efeitos sonoros; 8) vibração. E o futuro pode reservar ainda mais elementos³. Para Salaverría, a multimídia é, de forma simples, a “combinação de pelo menos dois tipos de linguagem em apenas uma mensagem” (2014, p. 30), mas definir o conceito perpassa outros caminhos, com múltiplas linguagens e plataformas. Apesar de não ser unanimidade, visto que muitas plataformas apostam apenas na combinação texto e imagem, o tema “jornalismo literário multimídia” já faz parte do campo de estudos da comunicação.

O trabalho tem como *objetivo* compreender de que forma as características do jornalismo literário vêm sendo integradas em narrativas multimídia na internet. Como não é possível abranger todo o universo de veículos que apresenta esse tipo de narrativa, mesmo com recortes espaciais e temporais aplicados, selecionamos como recorte empírico um site específico, o UOL TAB⁴. Ao firmar esse objetivo, a principal *premissa* que surge é de que seria possível traçar um paralelo entre as características do jornalismo literário e certos elementos multimídia, por exemplo: características que remetessem à descrição de cena deixariam de se situar no texto escrito para aparecer em fotografias e vídeos; já aquelas relacionadas ao aprofundamento temático seriam inseridas em textos e infográficos etc.

O site UOL TAB foi criado em 2014 para ser um produto midiático que oferecesse, além de narrativa e interface inovadoras para práticas de ciberjornalismo, um formato comercial diferenciado para a publicidade. As reportagens do TAB, em sua primeira fase, são majoritariamente *longform* e planejadas para o melhor uso dos recursos multimídia, como aponta o ex-editor da plataforma, Daniel Tozzi: “[...] a gente queria usar o máximo de recursos possíveis. Multimídia, interativo, e criar uma narrativa que fosse uma nova

³ Fonseca et al.(2019) incluem ainda como elemento multimídia, com lastro em Salaverría (2014), a realidade virtual e aumentada, que apresenta potencial para narrativas com detalhes caros ao jornalismo literário.

⁴ Disponível em: <https://tab.uol.com.br/edicoes/>

experiência, que fosse uma maneira de informar com leveza e profundidade” (2018, *online*). O TAB foi selecionado também por apresentar periodicidade regular, ser um veículo nativo digital com a proposta de investir em um *design* inovador e apresentar uma equipe de profissionais multimídia para sua produção. Mas antes de adentrarmos no que foi possível encontrar no TAB em matéria de jornalismo literário, é necessário deixar claro a trilha metodológica selecionada para desenvolver a pesquisa.

2. Trilhar o caminho da pesquisa

Linearidade não foi uma característica do desenvolvimento da metodologia nesta pesquisa realizada para uma dissertação de mestrado. A pesquisa bibliográfica inicial permitiu identificar inúmeros trabalhos que figuram aqui como referências. Em paralelo, uma pesquisa exploratória levou a identificar possíveis plataformas que serviriam de objeto empírico do trabalho, com destaque para o TAB, pelos motivos já mencionados.

Como a pesquisa foi dividida em um primeiro momento quantitativo, seguido do aprofundamento qualitativo, a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011) se mostrou eficiente como escolha metodológica. O ciclo temporal para a coleta do material teve como ponto de partida a primeira reportagem, edição⁵ número 1 do TAB, publicada em 13/10/2014, até a última edição do ano de 2018, publicada em 10/12/2018, perfazendo 176 edições.

A falta de linearidade mencionada se deu ao iniciarmos a organização de uma planilha Excel que, em um primeiro momento, contava com informações como título da edição, data de publicação, *link* de acesso, editoria, elementos multimídia – as informações que têm como base os oito elementos elencados por Salaverría (2014) – e extras, coluna com observações anotadas durante a etapa de leitura flutuante (BARDIN, 2011). Essa primeira fase objetivou gerar dados quantitativos, mas, como o viés qualitativo era imprescindível, a planilha passou por um segundo momento em que os teóricos do jornalismo literário entraram em cena, como explicamos a seguir.

⁵ Como no período analisado o TAB produzia uma web-reportagem por semana, a equipe da plataforma decidiu chamá-las de “edição” e adotamos essa nomenclatura ao longo da pesquisa.



O jornalismo literário apresenta características que podem ser percebidas durante sua leitura, e elas foram a base para o desenvolvimento das categorias de análise da pesquisa. As edições do TAB não foram categorizadas por serem o objeto empírico — assim, categorizamos as características do jornalismo literário, o que constitui o objeto científico.

São muitos os pesquisadores que se dedicaram a identificar as características do jornalismo literário, mas, após uma observação atenta, decidimos ter quatro pesquisadores como base, dois brasileiros e dois norte-americanos: Mark Kramer (1995), Tom Wolfe (2005), Edvaldo Pereira Lima (2009) e Felipe Pena (2017). Juntos, eles apontam 29 características do jornalismo literário. Para melhor visualização, apresentamos a tabela 1 que agrupa essas características que emergem dos estudos dos quatro teóricos:

TABELA 1 – CARACTERÍSTICAS DO JORNALISMO LITERÁRIO

Kramer (1995)	Wolfe (2005)	Pena (2017)	Lima (2009)
Imersão aprofundamento ^e	Descrição das cenas	Potencialização dos recursos do jornalismo	Exatidão
Ética para com o leitor e as fontes	<i>Status</i> de vida do personagem	Ultrapassagem dos limites do acontecimento cotidiano	Narração de uma história
Tratamento de acontecimentos rotineiros	Registro do diálogo completo	Possibilidade de visão ampla da realidade	Humanização
Voz autoral	Ponto de vista da 3ª pessoa	Exercício da cidadania	Compreensão
Estilo		Rompimento das correntes do <i>lead</i>	Tema universal
Posição móvel do autor		Desvio dos definidores primários	Estilo próprio e voz autoral
Estrutura adequada à história		Perenidade/permanência	Imersão
Criação de sentido			Simbolismo
			Criatividade
			Responsabilidade

Fonte: Conceição (2019), a partir dos autores apontados.

De forma concisa, ao observar a tabela, podemos perceber que a força do jornalismo literário se encontra em trabalhar acontecimentos rotineiros (KRAMER, 1995), mas de forma que seus limites sejam ultrapassados (PENA, 2017); assim, algo que poderia ser ordinário acaba por ganhar densidade quando o jornalista usa de criatividade, simbolismo e humanização para contar uma história (LIMA, 2009). A ambientação, que se dá por meio da

descrição de cenas e a caracterização apropriada e aprofundada dos personagens (WOLFE, 2005), é um diferencial que auxilia na imersão do leitor na narrativa, algo central para a perenidade da história (PENA, 2017). Ainda ao observar a tabela, percebemos que, como os teóricos olham para um mesmo objeto, em vários momentos essas características se entrelaçam, e é desse cruzamento que surge a categorização utilizada na pesquisa. Como trabalhar com 29 características seria extenuante e dispersivo durante as análises, elas foram agrupadas em categorias, seguindo um critério de similaridade. Para que fique claro ao leitor como pensamos essa categorização, apresentamos a tabela 2:

TABELA 2 – CATEGORIZAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS DO JORNALISMO LITERÁRIO

Categorias	Baseada nas características	Descrição
<i>Do aprofundamento/imersão</i>	KRAMER (1995) – Imersão/aprofundamento do tema PENA (2017) – Possibilidade de visão ampla da realidade, Perenidade/permanência LIMA (2009) – Imersão	Nessa categoria estão reportagens que apresentem contextualização do tema – histórica, política ou social – argumentos que representem diferentes visões, depoimentos de especialistas e dados de pesquisas acadêmicas ou de institutos profissionais.
<i>De quem narra</i>	KRAMER (1995) – Voz autoral e Estilo. LIMA (2009) – Estilo (próprio e voz autoral), Criatividade	Nessa categoria estão reportagens que apresentam linguagem ou estilo próprio do narrador – sendo ele um personagem da história ou aquele que passa suas impressões sobre o tema – indo contra o apagamento do jornalista como personagem da reportagem
<i>Da temática</i>	KRAMER (1995) – Retrato/ acontecimentos rotineiros PENA (2017) – Exercício da cidadania. LIMA (2009) – Tema universal	Nessa categoria as temáticas podem ser amplas, mas, para um recorte mais preciso, são inseridas reportagens menos abordadas pela imprensa hegemônica e com foco na história particular de um indivíduo.
<i>Da literatura</i>	KRAMER (1995) – Posição móvel do autor e digressão, Criação de sentido, Estrutura adequada à história WOLFE (2005) – Descrição das cenas, Status de vida do personagem, Registro do diálogo completo, Ponto de vista da 3ª pessoa LIMA (2009) - Simbolismo, Humanização, Narração de uma história	Nessa categoria estão narrativas que apresentam personagens bem construídos – com uma história consistente no texto, não sendo apenas uma fonte –, construção de cenários que localizem o leitor onde a ação acontece, ou seja, textos que não se localizem no local comum do jornalismo hegemônico.
<i>Do jornalismo</i>	KRAMER (1995) Ética para com o leitor e as fontes. PENA (2017) – Ultrapassagem dos limites do acontecimento cotidiano. Potencialização dos recursos do Jornalismo, Rompimento das correntes do lead, Desvio dos definidores primários LIMA (2009) – Exatidão, Compreensão,	Nessa categoria são inseridos textos que se relacionam à forma como o jornalista trata a estrutura da história que está contando, seja relacionada à responsabilidade ética sobre as informações, até a escolha plural das fontes e órgãos da pesquisa das quais os dados são retirados.



	Responsabilidade.	
--	-------------------	--

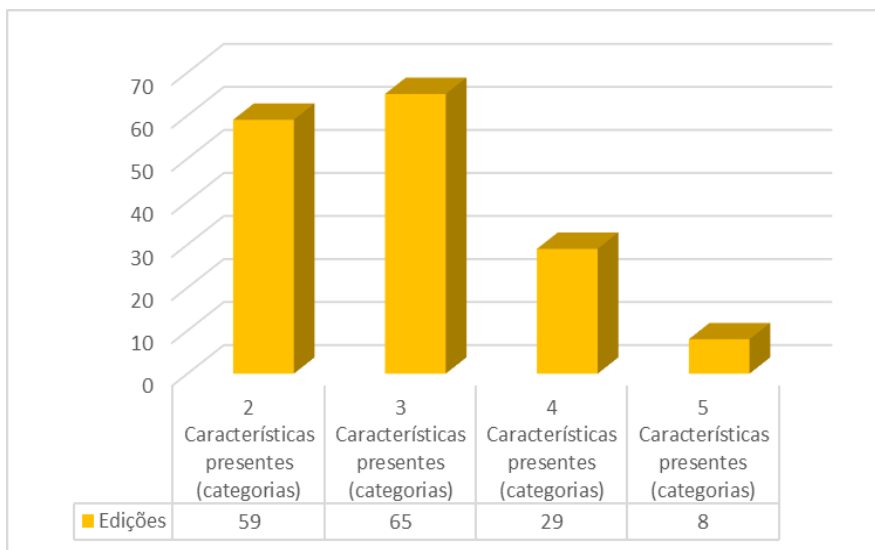
Fonte: Cíntia Silva da Conceição (2019), feita a partir dos autores apontados.

Assim, das 29 características apontadas pelos autores selecionados, emergem as cinco categorias analíticas para as edições da pesquisa qualitativa: *Do aprofundamento/imersão; De quem narra; Da temática; Do jornalismo; Da literatura.*

A segunda etapa da planilha mencionada se deu após a adição da coluna *categorias/características do jornalismo literário* – voltamos ao número total de 176 reportagens e identificamos quais características do jornalismo literário podiam ser encontradas em cada uma delas, tendo em mente a categorização que apresentamos na Tabela 2.

Com a planilha pronta e os dados quantitativos coletados, fizemos o corte das edições que não se mostravam válidas para uma análise qualitativa. Após deixar de lado edições baseadas apenas em vídeo ou ilustração, totalizamos 161 edições. A seguir, verificamos que, com base na quantidade de características (categorias) nas quais elas poderiam ser alocadas, 59 edições se encaixavam em no mínimo duas categorias; a maioria das edições, 65 delas, continha pelo menos três características (categorias) do jornalismo literário, seguida de 29 edições que apresentavam quatro delas e oito que apresentavam todas, como se observa no gráfico 1:

GRÁFICO 1 – DIVISÃO DAS EDIÇÕES COM BASE NAS CARACTERÍSTICAS/CATEGORIAS



Fonte: Cíntia Silva da Conceição (2019)

Foram pré-selecionadas as oito edições do TAB que apresentavam as cinco categorias firmadas, mas como oito ainda era um número grande para o tipo de análise qualitativa que decidimos realizar, foi necessário um segundo corte, que teve como base os oito elementos multimídia (SALAVERRÍA, 2014) mencionados na Introdução. Assim, foram selecionadas para análise quatro edições do TAB que, além de se encaixarem nas cinco categorias de análise, apresentavam mais de quatro elementos multimídia para a construção da narrativa, conforme a tabela 3:

TABELA 3 – EDIÇÕES SELECIONADAS PARA ANÁLISE QUALITATIVA

	Título	Link de Acesso	Data de publicação	Editoria
26	<i>Transgênero</i>	https://tab.uol.com.br/trans/	27/4/2015	Comportamento
54	<i>Humano Baldio</i>	https://tab.uol.com.br/moradores-de-rua/	7/12/2015	Sociedade
113	<i>A reconstrução de Vinicius</i>	https://tab.uol.com.br/bullyi-ng-suicidio	08/05/2017	Comportamento
143	<i>Adeus às armas</i>	https://tab.uol.com.br/jovens-fundacao-casa	15/1/2018	Sociedade

Fonte: Cíntia Silva da Conceição (2019).

As idas e vindas para a construção metodológica já carrega em seu cerne boa parte da carga teórica da pesquisa, pois todo o processo de seleção do *corpus* teve como base as características do jornalismo literário e da linguagem multimídia. Antes de prosseguir com as análises, é interessante mostrar como esses processos se situam no interior de uma cultura digital.

3. Aproximações entre Jornalismo Literário e Cultura Digital

Benakouche (1999), ao relacionar tecnologia e sociedade, recupera dois conceitos firmados por Hughes (1983) para explicar o processo de adoção da tecnologia por parte da sociedade: o *reverse salient* e o *momentum*. O primeiro “sugere a necessidade de uma ação coletiva e concentrada quando um sistema tecnológico dado apresenta obstáculos - ou pontos fracos - em seu desenvolvimento” (BENAKOUCHE, 1999, p. 6). Com a identificação desses

“problemas críticos”, como a autora traduz o conceito, eles podem ser analisados e melhorados para a continuação do processo de expansão. O segundo refere-se à etapa em que uma tecnologia ganha ampla aceitação social/institucional e um contexto favorável, o que permite sua expansão rápida e com certa autonomia.

O *smartphone* é um exemplo claro desse processo. Ao ter em vista o cenário nacional em relação à cultura digital, a Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros (TIC Domicílios, 2017) mostra que, apesar da desigualdade social ainda afetar de forma significativa o acesso à internet, “continua crescendo o número de domicílios com acesso à Internet no país, chegando a 42 milhões de domicílios conectados” (2017, p. 113). Esse aumento no acesso não corresponde a um aumento no número de domicílios com computadores, visto que “principalmente naqueles mais pobres e localizados em áreas com limitação de infraestrutura [...] a conexão à rede se dá, sobretudo, por meio de telefones celulares” (2017, p. 113-114). Ao focar no uso dos dispositivos móveis, a TIC Domicílios aponta que, “pela primeira vez, a proporção daqueles que usaram a Internet exclusivamente em telefones celulares” (49% da população) “chegou no mesmo patamar daqueles que a usaram tanto pelo computador quanto pelo celular.” (47% da população) (TIC DOMÍCILOS, 2017, p. 115).

A partir dessa reorganização dos comportamentos socioculturais, o jornalismo busca se atualizar ao adaptar seus conteúdos a essas demandas. A democratização dos dispositivos móveis foi um facilitador para que pessoas de diferentes estratos sociais pudessem acessar conteúdos *online*, mas isso não garante maior consumo de notícias. Ainda de acordo com a TIC Domicílios (2017), as atividades culturais mais realizadas pelos brasileiros na rede foram “assistir a vídeos, programas, filmes ou séries e ouvir músicas pela Internet, ambas realizadas por 71% deles”, enquanto a leitura de jornais e revistas ou notícias “foi citada por pouco mais da metade dos usuários (55%)” (2017, p.137).

O jornalismo tem um vasto campo para conquistar no espaço de escrita digital, mas, para que ele possa “competir” com outras atividades, é preciso estar aberto a formatos inovadores, que despertem curiosidade e atenção dos leitores. Com base na visão desta pesquisa, o jornalismo *longform* é um desses formatos. Para Dowling e Vogan (2014), ainda centrados no *tablet*, as telas são propícias para leituras longas e representam uma aposta para

o mercado editorial: “Longform digital é não só a mais recente articulação jornalística da cultura da convergência, mas uma tendência que oferece um potencial sem precedentes para organizações de notícias e mídia de entretenimento” (DOWLING; VOGAN, 2014, p. 212).

Longhi (2014) caracteriza o jornalismo *longform* como “artigos longos com grande quantidade de conteúdo, que cresceram em popularidade na *Web* nos últimos anos, em sites noticiosos, agregadores de textos jornalísticos e de não ficção *long-form*” (LONGHI, 2004, p. 912). Os textos dessa categoria são aprofundados, versam sobre vários aspectos de um mesmo tema, não são perecíveis e fazem uso pontual de elementos multimidiáticos. O texto pode ser lido ainda como *longform* devido ao tempo de apuração, contextualização e aprofundamento. “Textos com essa característica propõem uma leitura mais lenta e um leitor disposto a dedicar tempo para a mesma.” (LONGHI; WINQUES, 2015, p. 113). A grande reportagem multimídia é o formato jornalístico no qual o *longform* é comumente encontrado, e é o formato escolhido pelo TAB para compor a maioria de suas edições.

O jornalismo literário tem neste tipo de reportagem uma aliada — e do espaço aberto pela disseminação de conteúdo *longform* na web emerge para esse gênero híbrido um campo vasto de experimentações. Ao seguir a pista de que o jornalismo literário poderia florescer no ambiente de escrita digital, Jacobson, Marino, e Gutsche (2015) indicam que “os recursos multimídia desse jornalismo de formato longo não são apenas representações da capacidade tecnológica dos jornalistas de hoje, mas também da força motriz por trás de um novo período de jornalismo literário” (JACOBSON; MARINO; GUTSCHE, 2015, p. 2, tradução nossa⁶). O trabalho em formato longo permite ao jornalismo literário destacar uma de suas principais características: o aprofundamento. A disponibilidade dos elementos multimídia, que podem auxiliar na contextualização de cenários e na apresentação de personagens, são ferramentas disponíveis para que o jornalismo literário possa evoluir mais uma vez.

⁶ Trecho original: *multimedia features of this long-form journalism are not just representations of the technological adeptness of today’s journalists but also the driving force behind a new period of literary journalism*

4. Jornalismo Literário em ambiente digital: a experiência do UOL TAB (2014-2018)

A história oficial do TAB começou em outubro de 2014, quando o Universo *Online* (UOL)⁷ lançou esse projeto editorial multimídia semanal com a missão de publicar “reportagens inéditas, aprofundadas, provocadoras e de alta qualidade” (FLORES, 2014, *online*). Em entrevista, o ex-Diretor de Conteúdo do UOL, Rodrigo Flores, afirmou sobre o novo veículo que “a proposta é trazer uma nova experiência em conteúdo. O TAB é a resposta do UOL para a necessidade do nosso público de consumir conteúdo de qualidade em formatos criativos, interessantes e interativos.” (FLORES, 2014, *online*).

Ao olhar para os quatro anos de publicação examinados, percebemos pelo menos duas grandes fases. A primeira refere-se ao período compreendido entre as edições 1 a 66 (10/2014 até 03/2016), quando o *layout* das edições se adequava ao tema tratado. Nesse período, a cada semana o TAB apresentava um *layout* diferente da anterior, apoiado em linguagem multimídia rica em combinação de elementos, mesclando ilustrações, imagens, infográficos – estáticos e/ou em movimento – recursos sonoros, vídeos, testes, jogos e enquetes. A segunda fase, colocada por Ito (2018) como de *templatização* do TAB, a partir de edição 67 (04/04/2016), “corresponde ao momento no qual as reportagens passam a se tornar mais simplificadas em sua apresentação.” (ITO, 2018, p. 215). O processo se inicia após uma decisão gerencial para melhorar o acesso por meio de *smartphones*. De acordo com o ex-editor da publicação, a experiência do leitor é algo primordial para o TAB, e essa decisão se deu no momento no qual se percebeu que o acesso via *smartphones* havia aumentado e, nesse dispositivo, os *layouts* construídos em camadas e mais elaborados não apresentavam a mesma usabilidade:

A gente avaliou que a experiência em *mobile* não era tão prazerosa, tão instintiva, como a gente gostaria. A gente precisava melhorar essa performance em *mobile*, e também facilitar um pouco o processo de construção do TAB. Então foi feita uma mudança, reajustando um pouco alguns parâmetros, tendo uma direção de arte muito criativa e qualificada. (TOZZI, 2020, *via Skype*)

⁷ Disponível em: <https://www.uol.com.br/>

Na primeira, fase o *layout* do TAB contava com inúmeros elementos e camadas sobrepostas, e a leitura em *tablets*, com telas maiores que as dos *smartphones*, não era prejudicada; mas ao replicar o formato em telas menores, o *layout* não apresentava a mesma versatilidade. Nessa fase de *templatização* ocorre a padronização da tipografia usada nos textos e nas cores do fundo; e enquetes, testes e jogos deixam de ser utilizados, mantendo-se os infográficos, vídeos e imagens.

As quatro edições analisadas abrangem ambas as fases, sendo que duas se localizam na primeira – *Transgênero* e *Humano Baldio* – e as outras duas na segunda – *A reconstrução de Vinicius* e *Adeus às armas*. Como não é possível aqui detalhar todas as etapas de análise aplicadas na dissertação, apresentamos duas delas. Na primeira, trazemos uma sinopse das edições e dos elementos multimídia (SALAVERRÍA, 2014); na segunda, desenvolvemos a análise das quatro edições de forma conjunta, privilegiando a estrutura das categorias/características do jornalismo literário, já explicitadas.

A edição 26 do TAB, *Transgênero*, publicada em 27/04/2015, apresenta dois personagens principais, ambos transgêneros: Letícia, escritora e psicanalista, que após um infarto toma a decisão de viver como uma mulher transexual; e Alexandre, que sonha em um dia voltar a trabalhar com crianças. A edição se assemelha a um perfil, partindo das vivências dos personagens, mas abre para questões mais amplas como aceitação, transição, performance do gênero, preconceito e sociedade. Os elementos multimídia (SALAVERRÍA, 2014) apresentados são: texto, vídeo, fotografia, discurso oral e infográfico. A edição conta com seis blocos de texto, 20 vídeos, 21 fotografias, três discursos orais, dois infográficos e um *hiperlink*.

A segunda edição analisada foi a 54, *Humano Baldio*. A reportagem publicada em 7/12/2015 apresenta sete pessoas em situação de rua. Assim como a anterior, essa edição tem como ponto de partida as vivências dos personagens, mas abre para questões sociais, comportamentais e psicológicas. Os elementos multimídia utilizados para a composição foram oito blocos de texto, sete vídeos, 79 fotografias, sete discursos orais, quatro *hiperlinks* e sete infográficos.

A edição 112, *A reconstrução de Vinicius*, publicada em 8/05/2017, apresenta temas como *bullying* e suicídio. O texto parte das vivências de Vinicius, que sofreu *bullying* na

escola, tentou se suicidar e encontrou no movimento *drag* uma forma de se expressar. Em relação aos elementos multimídia utilizados, apresenta 14 blocos de texto, um vídeo, um infográfico e 20 fotografias.

A última edição analisada é a 143, *Adeus às armas*, publicada em 15/01/2018, que trata do sistema de internação e reabilitação de adolescentes em conflito com a lei. A web-reportagem narra a história de dois jovens que após cumprirem medida socioeducativa foram encaminhados para programa de liberdade assistida. Os elementos multimídia na edição são sete blocos textuais, dois vídeos, um infográfico, um *hiperlink* e quatro fotografias.

Durante a análise dessas edições, verificamos que características do jornalismo literário que advêm do **aprofundamento/imersão** estão presentes, em especial, nos elementos texto e vídeo. Apesar de em um dos casos o discurso oral ser o elemento principal para inserção das falas de especialistas, em geral o texto continua predominante quando a função é dar a contextualização sobre um tema, inserir dados científicos ou comprovar alguma informação, apresentando números. O elemento vídeo tem a função de proporcionar um tipo diferente de aprofundamento narrativo, aquele proveniente dos personagens que vivem as situações tratadas nas edições. Isso pode ser visto em *Adeus às Armas*, quando ocorre a inserção de depoimentos das assistentes sociais que acompanham os jovens; e em *Transgênero*, quando a personagem Letícia usa seus conhecimentos de pesquisadora de gênero para detalhar informações. A inserção de textos nos vídeos também serviu para deixar as declarações dos personagens mais claras, o que ocorreu nas duas edições já citadas.

As características que advêm **de quem narra** foram as únicas que se concentraram em apenas um elemento, o texto, e isso ocorre pelo fato de os jornalistas, enquanto narradores, não estarem presentes em nenhum outro elemento, como vídeo e discurso oral. Mesmo que o uso da escrita em primeira pessoa tenha sido evitado pelos jornalistas nas edições selecionadas, estando presente apenas em uma delas, durante a narrativa eles se colocam no papel de guia ao esclarecer para o leitor pontos específicos das histórias dos personagens, deixando que estes tenham o protagonismo ao narrar os fatos de suas vidas. O estilo da escrita, carregada de simbolismo e com o ritmo próprio, é outro fator que diferencia os jornalistas entre si, e evita que se caia na seara da padronização textual.

As características do jornalismo literário que advêm **da temática**, apesar de bem distribuídas durante as narrativas, visto que o tema é o ponto de partida para tudo, foram frequentemente aprofundadas no elemento infográfico. Três das quatro edições analisadas utilizaram esse elemento para detalhar pontos da temática. Talvez para retirar do texto o caráter didático e deixar a narrativa mais dinâmica, o infográfico se torna uma forma mais “chamativa” e, em alguns casos, interativa, de passar ao leitor algumas informações.

Foi possível perceber que as características do jornalismo literário que advêm **da literatura** são mais comuns nos elementos texto, fotografia e vídeo, os mais utilizados para o aprofundamento do personagem e a criação do cenário no qual vivem. As descrições detalhadas acabaram deixando de aparecer no texto, principalmente, no caso das edições *pré-templatização*, para serem trabalhadas em vídeos e fotografias. Nos vídeos, os personagens ganham mais dimensões, visto que os leitores podem ouvir as vozes, ver as expressões faciais, a forma como se movem e interagem com o espaço; assim, o jornalista não precisa abordar de forma aprofundada esses aspectos no texto. O ato de ouvir o personagem narrando pontos que marcaram sua vida e suas experiências pode fazer com que os leitores criem uma ligação mais próxima com esses indivíduos, vistos em primeira mão, e não por meio do olhar de um terceiro. As fotografias, que acompanham legendas, têm papel importante nesse processo de reconhecimento dos personagens, pois nelas o foco é voltado para nuances que podem passar despercebidas no vídeo — detalhes na forma de se vestir, nos adereços ou na decoração. Enfim, o texto continua a cumprir um papel importante, reforçando pontos aos quais o leitor pode não ter prestado atenção, mas fundamentais para a temática tratada; e, de forma geral, a tensão dramática fica a cargo das fotografias e vídeos.

As características do jornalismo literário que advêm **do jornalismo** podem ser percebidas em especial nos elementos texto, vídeo e infográficos; embora de forma descentralizada, são encontradas em praticamente todos os elementos em diferentes edições. Essa variedade de ferramentas disponíveis nas narrativas multimídia auxilia na potencialização dos recursos de jornalismo, pois as informações podem ser transmitidas de forma ampla, por diferentes meios, e de forma criativa. Ao se ter em vista que as edições analisadas têm como foco a história de personagens, a questão da ética para com o leitor e com a fonte é algo que precisa ser observada de forma atenta; mas, o fato de se utilizar

elementos como o áudio e o vídeo, disponíveis para a construção da narrativa, parece ser um trunfo nesse momento, pois os personagens podem aparecer de forma mais clara e ativa no interior de sua própria história.

5. Considerações finais

Não podemos afirmar que o jornalismo literário já concluiu sua adaptação para o meio digital, e, provavelmente, nunca concluirá. Como algo que está vivo, ele se encontra em permanente metamorfose, pois, para se encaixar em novas formas jornalísticas, ele precisa ser assim.

Transgênero, a primeira edição analisada, é marcada pelo protagonismo do texto: a maioria das características do jornalismo literário se apoiam nele, mas os elementos fotografia e vídeo são utilizados para promover a imersão do leitor na história dos personagens, que ganham mais camadas quando passam a narrar as próprias vivências. Já em *Humano Baldio*, não percebemos o protagonismo de nenhum elemento multimídia — as características do jornalismo literário se encontram bem divididas entre eles. *A reconstrução de Vinicius* marca o período pós-*templatização*, sendo a única na qual o jornalista narra em primeira pessoa. Nessa edição e em *Adeus às armas*, o protagonismo do texto também é percebido, mas enquanto na primeira o vídeo é um elemento que amplia a temática e não tem foco no personagem, na segunda o vídeo volta a ser um espaço no qual o leitor tem um contato mais próximo com a história dos personagens.

Ao voltar a olhar às características do jornalismo literário nas narrativas multimídia, já separadas em categorias firmadas pelo critério de similaridade (BARDIN, 2011), percebemos que, ao contrário de uma narrativa que setoriza características jornalístico-literárias pré-determinadas para cada elemento multimídia, não há um padrão, pois as características se encontram bem diluídas entre os elementos. Ao contrário do que era esperado como premissa, as características do jornalismo literário presentes nas narrativas apresentam certa porosidade entre os elementos, pois não foi possível traçar um paralelo direto entre os elementos e as características. Um vídeo, por exemplo, é utilizado tanto para a apresentação dos personagens quanto para o aprofundamento temático. Pode-se dizer que o paralelo entre características do jornalismo literário e elementos multimídia fazem uma relação direta não

entre si, mas com a experiência que o leitor terá, presumidamente, ao consumir aquela narrativa, e as adaptações estarão ligadas a essa experiência. Esse ponto poderá ser confirmado em estudo de recepção de tais conteúdos junto aos leitores.

Ao considerar o universo total da pesquisa, percebemos que as edições que exibem todas as características/categorias do jornalismo literário representam apenas 5% de um montante de 176 reportagens. Os dados mostram um cenário no qual esse tipo de narrativa ainda é pouco explorada, mesmo com tanto potencial. É impossível fazer afirmações enfáticas quando o material analisado representa uma parcela pequena de um universo extenso de veículos nacionais e internacionais que apostaram no jornalismo *longform* e que, porventura, utilizaram esse espaço para apresentar textos jornalístico-literários. Mas, durante o desenvolvimento do trabalho, encontramos inúmeros projetos criativos que trabalham com esse tipo de jornalismo e que merecem o olhar atento de outros pesquisadores com interesse no tema.

Nesse processo de adaptações, o jornalismo literário não perde sua essência, firmada pelas características estudadas nesta pesquisa, se mantendo firme no propósito de fazer um jornalismo perene, que traz a público histórias que de outro modo poderiam passar despercebidas. Desde os livros-reportagem até as grandes reportagens multimídia, o jornalismo literário se mantém relevante, apostando na experiência do leitor como base para continuar existindo.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BENAKOUCHE Tamara. Tecnologia e Sociedade: Contra a Noção de Impacto Tecnológico. In: **Cadernos de Pesquisa**, nº 17, set 1999. Em: https://pimentalab.milharal.org/files/2013/11/Tamara_Benakouche_Tecnologia_eh_Sociedade.pdf. Acesso: 12/07/2020.

BORGES, Rogério. **Jornalismo Literário: Análise do Discurso**. Florianópolis: Editora Insular, 2013.

DOWLING, David; VOGAN, Travis. *Can we 'Snowfall' this? Digital longform and the race for the tablet market. Digital Journalism*. 2014. Epub: 25 mai 2015.

FLORES, Rodrigo. *TAB, uma das maiores inovações na história do UOL, estreia hoje com a assinatura do Mesa&Cadeira*. 2014. Em: <http://projetodraft.com/tab-mesa/>. Acesso: 7/07/2019.

FONSECA, A.A.;LIMA, L. BARBOSA, S. Uma proposta de framework teórico para análise da experiência no jornalismo imersivo. In: XXVIII Encontro Anual da Compós. Porto Alegre: **Anais ...** Compós, 2019. Em: <https://bit.ly/2z9YRRZ>. Acesso: 16/06/2020.

ITO, Liliane de Lucena. **A (r)evolução da reportagem** – Estudo do ciclo da reportagem hipermídia: da produção às respostas sociais Tese (Doutorado) – Unesp, Bauru (SP), 2018. Em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/157307>. Acesso: 7/03/2020.

JACOBSON, Susan; MARINO, Jacqueline; GUTSCHE, Robert. **The digital animation of literary journalism**. 2015. Em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1464884914568079>. Acesso: 27/03/2019.

KRAMER, Mark. **Breakable rules for literary journalism**. Em: <https://nieman.harvard.edu/stories/breakable-rules-for-literary-journalists/>. Acesso: 23/02/2019

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4ª ed. Barueri (SP): Manole, 2009.

LONGHI, Raquel Ritter. O *turning point* da grande reportagem multimídia. **Revista Famecos**. Porto Alegre, v. 21, n. 3, set.-dez. 2014. p. 897-917. Em: <http://revistaseletronicas.pucrio.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/18660/12569>. Acesso: 11/08/2018

LONGHI, Raquel Ritter.; WINQUES, Kérley. O lugar do longform no jornalismo online. **Brazilian Journalism Research**. v.1, n.1, 2015. Em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/693/621>. Acesso: 09/07/18.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2017.

Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros [livro eletrônico]: **TIC domicílios 2017** = *Survey on the use of information and communication technologies in brazilian households*: ICT households 2017 / Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR - São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2018. Em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic_dom_2017_livro_eletronico.pdf. Acesso: 12/07/2020.

SALAVERRÍA, Ramón. Multimedialidade: Informar para os cinco sentidos. In: **Webjornalismo: 7** características que marcam a diferença. 2014. Em: http://www.academia.edu/9640216/Webjornalismo_7_carater%C3%ADsticas_que_marcam_a_difere%C3%A7a. Acesso: 1/07/2018.

TOZZI, Daniel. Daniel Tozzi conta a história do UOL Tab. **ReviDigital**, agosto de 2018. Em: <http://revidigital.com.br/daniel-tozzi-Conta-a-historia-do-uol-tab/>. Acesso: 23/07/2019.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.